

CAVA A DOIS TEMPOS

texto: luísmenezes . ilustração: mariapais

– Está a chover tanto! – disse o rapaz mais velho.

– Até já ando enjoado de tanta chuva – retorquiu Adolfo, um jovem de cabelos loiros e olhos esverdeados, com os seus catorze anos.

Os dois rapazes viviam num edifício antigo, de paredes grossas de uma pedra acinzentada, na zona alta de Viseu. A vista sobre a parte norte da cidade era soberba, principalmente da casa de Adolfo e depois de terem cortado aquela árvore velhíssima que há anos ameaçava abater-se sobre tudo o que pela rua passasse.

– O que é aquilo além, onde estão aquelas árvores verdes enormes? – perguntou António, o outro rapaz, apontando o horizonte.

– É a Cava de Viriato. Já lá foste alguma vez? – indagou Adolfo.

– Fui lá uma vez numa visita da escola, mas conheço mal – respondeu António. E continuou:

– Se amanhã estiver bom tempo, e como não temos aulas, podíamos dar umas voltas de bicicleta por lá.

A Cava é um monumento que tem as suas origens enredadas em mistério. Ela é constituída por uma imensa muralha de terra, em forma de octógono regular, com 2000 metros de medida de perímetro, com uma largura de cerca de 27m na base e 6m de largura no coroamento. O interior da Cava é elevado em relação ao exterior, sendo a altura interior de cerca de 6m e a exterior de 9m.

No dia seguinte, como combinado, os dois amigos foram andar de bicicleta.

– Tivemos sorte, hoje está um dia espectacular – comentou António.

– Se está! – exclamou demoradamente Adolfo, como se procurasse prolongar aquela sensação. – Já há muito tempo que não vinha cá. Sabes que eu vivi aqui perto, numa quinta. Nessa altura, eu tinha um grupo de amigos, uma espécie de clube secreto, e nós guardávamos aqui o nosso tesouro.

António esbugalhou os olhos castanhos de doze ternos anos, que encimavam uma carita morena com uns longos cabelos pretos, e antes ainda de conseguir articular palavra, Adolfo continuou:

– Éramos quatro, dois rapazes e duas raparigas. O nosso tesouro... como nos filmes... eram carrinhos, cromos, cartas, moedas, tudo era enterrado aqui na Cava, dentro de uma caixa velha de madeira, que era enrolada num pano de sarapilheira.

António, visivelmente interessado na história, interrompeu abruptamente Adolfo:

– Ainda cá está? Leva-me lá, por favor. Leva-me lá – suplicou António.

– Posso levar-te lá, mas o tesouro já lá não está. Quando o grupo terminou resolvemos dividir as coisas. A caixa talvez ainda lá esteja, se a bicharada não a fez aprofecer.

Com as bicicletas pela mão, caminharam pelo passeio superior da Cava de Viriato até ao local onde a caixa estaria enterrada. Adolfo, que em casa dizia que um dia seria arqueólogo, falava abundantemente. António, um metro e meio de energia pura, nunca se cansava de o ouvir:

– Sabes que a Cava de Viriato não tem nada a ver com o Viriato. Sabes quem foi o Viriato, não sabes? – perguntou Adolfo.

– Sei que foi um guerreiro lusitano, que tinha a profissão de pastor de ovelhas brancas... e negras e que não apreciava muito os romanos.

Adolfo, sorrindo com a resposta do amigo, continuou:

– Andei a ler um livro e descobri que a Cava foi construída mais de mil anos

depois do Viriato, antes de Portugal ser Portugal. Dizem que por volta do século X, um rei árabe chamado Almançor fez de Viseu um grande campo militar para atacar os cristãos do norte da Península.

– E a Cava servia para quê? – perguntou António.

– Ora, para juntar e defender essas tropas.

Os dois continuavam a andar lado a lado, agora em silêncio que só era entrecortado pelo chilrear dos numerosos pássaros que habitavam aquelas árvores verdes enormes. A queda de uma bolota vinda do cimo de uma delas, que atingiu António de raspão na cabeça, parece ter desencadeado nele uma súbita vontade de questionar:

– Então a Cava de Viriato é árabe?! Ora, se é árabe, por que razão se chama de Viriato? E o problema não é só o nome, tem lá em baixo a estátua do Viriato com os seus guerreiros, todos de espada e paus na mão. Ainda ninguém deu conta disso?

– Isso não sei. O que sei é que este tipo de fortificação em terra só existe em países árabes. Li que há uma no Iraque, em Sa... Samarra, e também tem a forma de um octógono regular – Adolfo fez uma pequena pausa e concluiu. – sabes que o 8 era um número muito importante para os árabes, era um número perfeito.

Tão embrenhados estavam na conversa que, por momentos, até esqueceram para onde caminhavam. Adolfo parou repentinamente, deixou escorregar a bicicleta que levava pela mão, e disse:

– Já passámos o sítio onde está enterrada a caixa. É naquele vértice, junto ao carvalho grande, da parte de fora, com vista para a avenida. Para marcar o local, costumávamos escrever V2-E1T. Era uma espécie de código, que significava que estava no vértice 2 da Cava – Adolfo fez uma longa pausa que deixou António suspenso. – Nós contávamos a partir do vértice da Rua do Picadeiro, porque para a frente o octógono da Cava tem os 3 lados destruídos.

– Só tem 5 lados bons? – perguntou António.

– Sim, os outros 3 já não existem – depois de uma nova pausa, retomou a explicação da sigla V2-E1T. – Bem, V2 era o segundo vértice e E1T significava parte exterior a 1 metro do topo.

– Ena! – suspirou António visivelmente impressionado com o amigo.

Estavam os dois rapazes a pensar como poderiam escavar a caixa de madeira quando repentinamente sentiram a chegada de um vento frio e forte vindo do interior da Cava, acompanhado do escurecer do céu que minutos antes estava de um azul forte. A intensidade do vento aumentava vertiginosamente, tanto que a bicicleta do António, mais leve do que a do Adolfo, lhe foi arrancada das mãos e tombou pela encosta exterior da Cava. Adolfo acompanhou com os olhos a queda da bicicleta do amigo, ao mesmo tempo que o agarrava com força e o amarrava a um arbusto rasteiro, que naquelas circunstâncias lhe parecia ser suficientemente robusto para os manter seguros. O local onde estavam agachados, na vertente exterior da Cava, protegia-os um pouco daquele vento que não dava tréguas. Embora não podendo olhar, ouviam em baixo, na avenida, pessoas que gritavam e estrondos de embates de objectos uns nos outros.

– Não devíamos ter vindo ver os soldados do Almançor – dizia Aban, não escondendo o medo que se apoderava dele.

– Aban, agora de nada valem os choros. Temos que ser valentes, subir o monte de terra e passar para a banda de lá, onde estaremos mais abrigados do vento – dizia Abdul, três anos mais confiante do que o amigo.

– Não consigo subir – gritava Aban, um rapaz que andaria pelos 10 anos de vida, estatura baixa e tez escura.

– Claro que consegues. Não largues a minha túnica – gritava ainda mais alto Abdul.

Ainda não tinha terminado de falar e já a sua túnica castanha esgaçava, sem contudo deixar Aban para trás. O vento soprava cada vez mais forte e naquele ano de 978 era já a segunda vez que assolava violentamente a região. Dois meses antes, o vento tinha vindo acompanhado de chuva intensa que





arrasara grande parte da área. O regresso do vento deixava tudo em alvoço no acampamento instalado no interior da Cava: os cavalos, os mais inquietos, relinchavam e saltavam furiosamente para se soltarem das amarras; os soldados, principalmente os que tinham chegado na véspera de Sul, estavam quase tão atarantados como os cavalos; muitas tendas já tinham caído por terra e pegado fogo. A situação era pouco menos que caótica.

Abdul continuava a puxar por Aban encosta acima até ao topo da Cava. Entretanto, o medalhão de bronze que Aban trazia ao pescoço ficou preso numa raiz proeminente de um carvalho mais avantajado. Abdul não se apercebeu e, naquele frenesim de puxar o amigo, quase o sufocava. A sorte de Aban foi aquela tira de pele de camelo ter rebentado. O medalhão foi projectado pelo ar ao mesmo tempo que o enorme carvalho era arrancado pelo vento. A cratera que se formou serviu de sepultura ao medalhão e o tronco da árvore não caiu por um triz nos dois rapazes que, entretanto, tinham transposto o topo e começavam a descer a Cava para o outro lado, já protegidos do vento.

– Telélélé, Telélélé... Telélélé, Telélélé...

– É o teu telemóvel, Adolfo. Está a tocar – sussurrou António, com os dentes cerrados e os olhos semi-abertos, deitado no chão ao lado do amigo.

Naquele preciso momento ouviram um barulho que parecia vir do interior da terra. Logo a seguir viram que o velho carvalho, junto ao vértice 2, estava a inclinar-se rapidamente na direcção deles.

– Foge, António, foge! O carvalho vai cair-nos em cima.

Os dois rapazes fugiram a tempo daquele tronco monstruoso, que perto da base teria mais de 12 metros de perímetro circular. Depois, mantiveram-se deitados na encosta exterior da Cava até que o vento amainou. Em seguida, os rapazes subiram ao topo para verem o que tinha acontecido. Havia uma cratera enorme que antes albergava as raízes daquele carvalho milenar. À volta dele jaziam numerosos ramos partidos. Os rapazes aproximaram-se mais do carvalho, descendo um pouco pela encosta interior da Cava.

– O que é aquilo na raíz? – perguntou António.

– Onde? Não estou a ver nada – retrucou Adolfo.

– Na ponta daquela raíz mais grossa – respondeu António que de imediato saltou para o tronco do carvalho deitado, percorrendo-o no sentido da raíz.

Ainda Adolfo procurava descobrir com o olhar do que se tratava e já António regressava com qualquer coisa na mão. Era um enorme medalhão de bronze, com cerca de 10 cm de diâmetro e inscrições em ambas as faces. Numa delas havia um octógono, que parecia representar a Cava, com três símbolos que representavam o Sol, sendo o maior o do meio.

– Estes símbolos parecem indicar os pontos cardeais – disse Adolfo, recordando-se de ter visto uma imagem semelhante num livro de História.

– Como é que isto aqui veio parar? – perguntou o rapaz mais novo.

– Não sei, mas parece ser uma coisa antiga. Repara no que está do outro lado da medalha. É o Sol maior e por baixo dele parece... – Adolfo hesitou. – um pássaro!

– Acho melhor irmos antes que chegue gente. Vamos limpar melhor a medalha para ver se descobrimos mais alguma coisa – disse António.

Os rapazes desceram a Cava e montaram nas bicicletas que miraculosamente nada tinham sofrido no meio daquela ventania. Já em casa de Adolfo, com o medalhão limpo, reconheceram que o pássaro era uma águia. Convenceram-se então que aquela figura de pássaro, por debaixo do Sol – que parecia apontar para Nascente – poderia querer dizer que nesse antigo vértice da Cava, agora destruído, algo importante se encontraria. O problema era encontrar a posição exacta desse vértice perdido.

– Acho que nós podemos encontrar esse vértice – disse António.

– Como? – inquiriu Adolfo.

– Octógono regular, 2000 metros de perímetro, ângulos internos conhecidos, uns rolos de corda e... acho que podemos descobrir esse vértice a nascente. – insinuou António.

Adolfo observava maravilhado o seu amigo. Ele desenhava numa folha octógonos, media ângulos internos, marcava medidas de comprimentos dos lados, traçava diagonais, colocava letras e rabiscava símbolos indecifráveis.

– Ok. Já sei como encontrar o vértice nascente da Cava. Vamos à minha garagem buscar dois rolos de corda, que devem ter uns 250 metros de comprimento. Vamos também levar um transferidor e papel grosso – disse António, muito seguro da sua Matemática.

Com tudo colocado na mochila de Adolfo, os dois rapazes deixaram a casa e dirigiram-se rapidamente à Cava. Chegados lá, era vê-los medir ângulos e esticar fios compridos de uma corda amarelada.

Os trabalhadores camarários, que procediam à limpeza dos destroços do vendaval, não deixavam de mostrar a sua surpresa com o que aqueles dois rapazes faziam:

– Estes rapazes de agora têm cá umas brincadeiras mais estúpidas!

Logo foi acompanhado pelo outro funcionário:

– Eu até digo mais... estes rapazes modernos têm cá umas brincadeiras mais bestas!

Adolfo e António estavam alheados de tudo isto. Continuavam a seguir os rabiscos da folha, a esticar fio, a espetar pequenas varas de madeira e a medir ângulos. Era quase pôr do sol quando finalmente conseguiram descobrir o local onde antes teria estado o vértice nascente. À primeira vista, parecia um terreno cultivado normalíssimo, igual a tantos outros ali à volta. No entanto, António observava tudo com muita atenção. Andou uns cem passos para dentro da área da Cava, a partir da posição do vértice. À sua frente, escondida no meio de uns arbustos rasteiros muito aromáticos, estava uma pedra com cerca de um metro de altura. António olhou fixamente por instantes e repentinamente exclamou com uma voz solene:

– Já sei o que significa aquela águia no medalhão! É uma profecia!

Adolfo chegou-se à frente para ver melhor. No topo da pedra havia uma

concaidade circular que pareceria adaptar-se à forma do medalhão. No meio daquela pequena cova estava um passáro que se não era irmão gémeo da águia do medalhão enganava muito bem. Alguns segundos depois, Adolfo compreendeu o alcance das palavras do amigo, desprendeu uma enorme garagalhada e exclamou:

– Lembras-te de cada uma!